

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2014

# RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE BIOLOGIA:

Institucionalização da lei 10.639/03

Autor: *Silvia Regina Santos dos Anjos*<sup>1</sup>  
Orientador: Dr<sup>a</sup> Valéria Maria Munhoz Sperandio Roxo<sup>2</sup>

## Resumo

Apresento o trabalho desenvolvido no PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná 2014/2015. Tendo como linha de pesquisa selecionada os Diálogos Curriculares com a Diversidade, o presente artigo trata de uma experiência educativa em sala de aula, com estudantes do 3º ano C - bloco I - ensino médio, do Colégio Estadual Tenente Sprenger, Pinhais - Paraná. O foco é a abordagem das Relações Étnico-Raciais na Educação, com o intuito de promover a institucionalização da Lei 10.639/03 no âmbito escolar. É uma investigação-ação, no que concerne a conceitos e preconceitos historicamente construídos, em relação ao que leva a supor que exista uma superioridade e ou inferioridade entre seres humanos, em decorrência das características fenotípicas. A proposta contemplada no Material Didático Pedagógico pretende abordar a temática a partir da disciplina de Biologia e tem como objetivo desconstruir esses conceitos retrógrados e desmistificar teorias racistas. Tem como fundamentação teórica as descobertas Científicas atuais e a Genética Moderna. A pesquisa tem seu aprofundamento teórico nos estudos do geneticista brasileiro Sérgio Danilo Junho Pena. A análise textual serviu de aporte para oportunizar uma maior reflexão acerca das abordagens, além de culminar em diversas ações educativas, de forma a alcançar mudanças atitudinais e construir relações harmônicas no âmbito escolar.

**Palavras Chave:** Diversidade. Igualdade Étnico-Racial. Lei 10.639/03. Genética. Biologia.

---

<sup>1</sup> Licenciatura em Ciências com Habilitação Plena em Biologia, Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procopio - FAFICOP. Pós Graduação em Metodologia do Ensino de 1º e 2º grau Faculdades Integradas Espírita de Curitiba. Professora do Colégio Estadual Tenente Sprenger.

<sup>2</sup> Professora assistente da UFPR, graduação em ciências Biológicas e Doutorado em ciências Biológicas com área de concentração em Genética Humana para os Cursos de Farmácia, Educação Física e Biologia.

## 1. Introdução

Em ciência da Lei Federal 10.639/03, sancionada no mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cujo teor altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/96), a qual determina a obrigatoriedade do estudo sobre a cultura e história afro-brasileira e africana nas instituições públicas e privadas de ensino no âmbito de todo o território nacional.

Nesse viés, a situação problema identificada e a ser investigada está relacionada aos conflitos que ocorrem em detrimento das questões raciais no âmbito escolar. A motivação da escolha da linha de estudo: Biologia, Diálogos Curriculares com a Diversidade, visa identificar uma problemática presente no contexto escolar, que incide na necessidade de mudança curricular para que se efetive na prática a implementação da Lei 10.639/03, pois se entende que seu posicionamento deve estar atrelado aos conteúdos específicos e disciplinares das áreas do conhecimento.

O Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola contempla subsídios teóricos para discussão da problemática já enunciada, com a intencionalidade de encaminhar o processo dialético entre a teoria e a prática. Disponibiliza na Produção Didático-Pedagógica estratégias e ações pedagógicas que servem como possibilidades de inclusão desta temática na disciplina de Biologia, com ênfase ao diálogo com demais disciplinas no ensino da História, Português, Filosofia e Inglês.

Ao constatar que a maioria dos docentes demonstra muita resistência em abordar a temática na sala de aula, entende-se a real necessidade de dinamizar este conteúdo. Observa-se que são muitos os argumentos, mas segue relato daquele que se considera como mais instigante no âmbito escolar.

Os professores: mencionam sobre a inviabilidade de acrescentar novos conteúdos aos já existentes, ou seja, deixar de trabalhar os conteúdos da disciplina que ministram para inserir no plano de trabalho outro tipo de abordagem que não está previamente contextualizada as atividades já programadas. Enfatizam ainda que essa estratégia possa demandar uma variedade de prejuízos aos alunos e ao propósito de ensino.

Diante dos apontamentos já destacados e na qualidade de educadora e componente da Equipe Multidisciplinar do 'Colégio Estadual Tenente Sprenger',

perceber-se a urgência de proporcionar momentos de reflexões sobre essas questões que culmine em ações, de forma a promover a desconstrução de um currículo eurocêntrico até então consolidado.

Na fase inicial da pesquisa, a ênfase estava direcionada na formação continuada dos docentes, com a participação de representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, a fim de que pudessem ser qualificados e tivessem entendimento das diversas possibilidades de trabalho e na promoção de estratégias para elaborar e aplicar no cotidiano da escola, um plano de ação interdisciplinar.

Porém, após tutoria efetivada com a professora/orientadora Dr<sup>a</sup> Valéria Maria Munhoz Sperandio Roxo - UFPR e aulas com o professor Mestre Valentim da Silva - UFPR Litoral, surge a retomada de avaliação deste material de pesquisa, em função da viabilidade de aplicação do conteúdo proposto e seu redirecionamento para um público alvo. Sendo possível uma melhor delimitação do tema, pelo viés de promover a 'Educação das Relações Étnico-Raciais', por sua vez o conteúdo foi direcionado a área de Genética, na disciplina de Biologia. Para isso, os estudantes do Ensino Médio se tornaram alvo desta pesquisa.

O trabalho apresentado neste artigo trata de uma experiência educativa em sala de aula, voltada aos alunos do 3º ano C - Ensino Médio - bloco I, período noturno, do Colégio Estadual Tenente Sprenger. A principal referência teórica para a efetivação da experiência enfatiza os estudos do geneticista brasileiro Sergio Danilo Junho Pena, com o objetivo de instigar o conhecimento dos alunos em relação ao tema e de refletir sobre a ação educativa proposta, com ênfase na real necessidade de abordagem do tema.

É uma experiência de investigação-ação no que concerne a concepção e construção errônea de conceitos relacionados à temática das Relações Étnico-Raciais na Educação, que envolve as relações humanas e que determinam o espaço que cada indivíduo pode ocupar, pois é determinado pelas relações de poder. As recentes descobertas científicas foram consideradas na proposição, bem como a concepção da Genética Moderna, de forma atrelar ao conteúdo de Genética no ensino de Biologia. Entende-se que a história como está posta, é passível de questionamentos, uma vez que as novas concepções epistemológicas no campo historiográfico demonstram que os conceitos de fonte histórica, construídos a partir

de inverdades, favorecem apenas alguns grupos, antes não contestados pela verdade e realidade apresentada no tempo passado. Mas, neste momento tais concepções sofrem questionamentos e reformulações.

Ao dialogar com a disciplina de História, foram revisados e analisados fatos históricos, que permearam uma nova forma de ver o contexto em que ocorreu o processo de escravização do povo africano, a resistência e a luta contra o regime escravocrata. Compreende-se que pelo reconto da história, surge uma nova aprendizagem, que considera o saber adquirido anteriormente como estereotipado e cheio de inverdades. Tal objetivo se justifica através da criação de políticas públicas educacionais e de igualdade racial à luz do histórico de lutas dos movimentos sociais e articulações nos âmbitos políticos e sociais. A visada consiste em desconstruir o “Mito da Democracia Racial”, a qual nega a existência do racismo no Brasil e promove um racismo velado.

A tarefa para os educadores se estabelece no sentido de contemplar no planejamento de trabalho tais questões. É preciso dar visibilidade ao negro/a de forma positiva e desconstruir estereótipos, com ênfase na história desse grupo étnico que até então foi negligenciada. Essa configuração permite dar nitidez à institucionalização das Leis e buscar alternativas para sua garantia no contexto educativo e social.

A construção de um país verdadeiramente democrático encaminha a sociedade para uma maior envergadura das suas ações, onde mudanças e participação social ocorrem através de um processo contínuo. Para isso devemos buscar em nossas próprias raízes a herança biológica e/ou cultural trazida pela influência africana, pois se faz necessário promover uma educação voltada para o respeito e convívio harmônico com a diversidade. O conhecimento embasado em fatos históricos e verdadeiros tende a valorizar a vivência cultural e dar significados de maior importância para todas as etnias.

Essa proposta educativa como já mencionada foi aplicada aos estudantes do Colégio Estadual Tenente Sprenger Ensino Fundamental e Médio, situado no Município de Pinhais, região Metropolitana de Curitiba, Paraná. A turma é formada por 44 alunos entre 16 e 38 anos, dentre eles dois alunos são de etnia Haitiana, moradores dos bairros Jardim Atuba, Alto Tarumã, Jardim Claudia, entre outros.

Ressalta-se que a produção dessa experiência é decorrente do Programa de Desenvolvimento Educacional, promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, em parceria com a Universidade Federal do Paraná. É voltada aos docentes atuantes no Ensino Fundamental e Médio, aos discentes e a toda comunidade escolar. No entanto foram privilegiados os alunos do Ensino Médio que tiveram uma participação mais efetiva no processo, para os quais o conteúdo de Genética contempla o Plano de Trabalho Docente de acordo com essa proposta pedagógica.

Em função de situações adversas no contexto educativo, se fez necessário repensar as práticas educativas e reorganizar datas e o tempo programado para aplicação do conteúdo programático. Para isso, fez-se uma sondagem através da aplicação de questionário, com o intuito de verificar os saberes dos alunos sobre a temática e a percepção dos mesmos em relação à Lei 10.639/03. A proposta consistia em verificar como é trabalhado o tema em nível curricular e ainda saber como essas questões influenciam o processo de aprendizagem e as relações presentes no contexto escolar. De forma geral, os alunos declararam em seus relatos que no colégio parte dos professores desenvolvem a temática em suas disciplinas, mas, enfatizam que outros não abordam o assunto. Adicionalmente relatam de que há ocorrência de atitudes racistas por parte de um grupo de professores em relação aos alunos negros e também piadinhas entre os próprios alunos.

## **2. Pontos e contrapontos em discussão: o preconceito**

Coube à ciência trazer explicações sobre as diferenças culturais, sobretudo no que diz respeito à suposta inferioridade racial. O preconceito residiu principalmente no âmbito da subjetividade, um aprendizado obtido de forma contínua pela vivência com outras pessoas. No convívio social, os saberes e as informações são compartilhadas, assim se tornam aprendizagens acumuladas através do contato social obtido desde a primeira infância.

“... As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismos, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma podem aprender a ser ou tornam-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações”. (LOPES 2005 p. 43)

LOPES (2006, p. 21) enfatiza que o preconceito apesar de histórico é reforçado na sociedade com sutilidade.

“... o preconceito racial, no caso brasileiro, opera fundamentalmente em três dimensões: a moral, a intelectual e a estética. Esse preconceito é reforçado através de atribuições, piadas e brincadeiras. A base desse preconceito racial é a ideia de que o negro é inferior na escala humana.” (LOPES 2006, p. 21)

O preconceito racial tende a expressar o sentido histórico de inferioridade, gerado a partir das relações de dominação e subalternidade entre senhores e escravizados durante quase quatrocentos anos de escravidão no Brasil que, como modelo econômico e social, fundou a sociedade brasileira. Os efeitos dessa história ecoam até os dias atuais e remetem nas condições de desigualdade social e econômica enfrentada pela população negra e mestiça no Brasil.

Muitas vezes um olhar de desdém ou um sorriso de escárnio indicam o sentido da mensagem, o portador do conjunto de características físicas visadas pelo preconceito já sabe de antemão o que o espera e já tem de antemão a expectativa de vê-lo manifestar-se. O corpo do negro já o condena, já o desvaloriza e o inferioriza.

No que diz respeito ao preconceito e sua representação na sociedade, cabe aos educadores uma importante tarefa, no sentido de superar os limites da razão e do imaginário, salienta Munanga (2005, p. 16) que:

(...) Não basta a lógica da razão científica que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, como não basta a moral cristã que diz que perante Deus somos todos iguais, para que as cabeças de nossos alunos possam automaticamente deixar de ser preconceituosas. Como educadores, devemos saber que apesar da lógica da razão ser importante nos processos formativos e informativos, ela não modifica por si o imaginário e as representações coletivas negativas que se tem do negro e do índio na nossa sociedade. Considerando que este imaginário e estas representações, em parte situados no inconsciente coletivo, possuem uma dimensão afetiva e emocional, dimensão onde brotam e são cultivadas as crenças, os estereótipos e os valores que codificam as atitudes, é preciso descobrir e incentivar técnicas e linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações. Enfim capazes de deixar aflorar os preconceitos escondidos na estrutura profunda do nosso psiquismo. (MUNANGA, 2005, p.18)

No viés que concebe o ponto de vista biológico e estritamente científico, verifica-se que ‘raças humanas não existem’, mas sabemos que cada brasileiro independente de sua cor, tem simultaneamente um grau significativo de ancestralidade africana, europeia e ameríndia, constata-se que: “o genoma de cada

brasileiro é um mosaico altamente variável e individual formado por contribuições de três raízes ancestrais, de acordo com (Suarez Curtz & Pena 2005)". Assim, para Pena "do ponto de vista médico essa conscientização nos levou a propor que o conceito de "raça" (...) deveria ser banido da medicina brasileira".

## 2.1 Metodologia

Para inserção da temática na disciplina de Biologia foi possível contar com o auxílio da professora Marcia Rosane Maieski Apolinário que ministra a disciplina de História. Por conseguinte, narramos o contexto histórico da diáspora africana, o qual está atrelado ao momento atual, com o objetivo de fazer com que os alunos pudessem compreender os motivos para a elaboração de Leis, como mecanismos para o enfrentamento da problemática que se refere às relações raciais no Brasil.

Outra metodologia integrada à proposta de trabalho para esta pesquisa diz respeito à reprodução do filme "Vista a Minha Pele". De forma proposital não foi realizado nenhum encaminhamento introdutório para que os estudantes pudessem compreender o contexto do filme. Por se tratar de uma metragem de curta duração (26 minutos), a ideia visava dar início a discussão sobre a linguagem audiovisual, com ênfase na estrutura narrativa, na construção do roteiro, nas cenas e planos de filmagem.

Dentre os relatos da turma sobre os desdobramentos da obra, foram pontuados alguns: o primeiro destacou a inversão de papéis, em que no enredo o negro fazia parte da classe dominante e o branco pertencia à classe pobre, na qual seus antepassados foram escravizados. Outro relato destacou a necessidade de colocar-se no lugar do outro, compreender seu sentimento ao ser discriminado.

Com a utilização desta estratégia foi percebido que não houve polissemia e que a compreensão dos alunos estava de acordo com o esperado. Na segunda aula, os alunos foram organizados em grupos para que pudessem debater e discorrer sobre as questões direcionadas. Na sequência cada grupo foi responsável por relatar seu entendimento acerca da primeira questão e assim ocorreu sucessivamente. Um dos grupos propôs como atividade a reprodução de cenas do filme, com o objetivo de analisar a variedade de sentimentos gerados em cada cena.



Esta proposta foi significativa, sobretudo por ter sido uma ideia que partiu dos próprios discentes.

Posteriormente foi discutido o fato de que o preconceito é histórico em nossa sociedade e que atitudes de preconceito acontecem no cotidiano, através brincadeiras e piadas. Ao fomentar a questão, partiu-se do viés de que a cor da pele é uma característica fenotípica, determinada geneticamente. Portanto, não pode ser utilizada para classificar as pessoas como seres superiores e/ou inferiores.

Foi introduzido o conteúdo Herança Quantitativa, com enfoque na determinação da cor da pele. Nesse contexto as aulas de genética tornaram-se atrativas e os alunos demonstraram interesse durante a resolução dos exercícios. Fato este que possibilitou um aprendizado significativo.

Em continuidade a aplicabilidade do projeto realizou-se através de algumas parcerias, com os seguintes professores: Agnaldo César Lampa da disciplina de Língua Portuguesa, Rita de Cassia Schievenin da disciplina de Inglês e Alexandre Becker da disciplina de Filosofia, foi reproduzido o filme: “Blue Eyed”/Olhos Azuis. Previamente foi explicado que o documentário tratava-se de um *workshop* realizado pela professora e socióloga estadunidense Jane Elliott, que submeteu pessoas de olhos azuis a passarem por situações de discriminação e inferiorização. Esse *workshop* foi inspirado em um exercício de discriminação que ela aplicou aos alunos da 3ª série, na cidade de Riceville, no interior do estado de Iowa nos EUA, no dia 5 de abril de 1968, devido ao assassinato de Martin Luther King Jr. Em que selecionou a cor de olhos azuis como a característica fenotípica para ser foco de discriminação, para isso foi atribuído às crianças de olhos azuis, rótulos negativos.

O exercício tinha o objetivo de colocar as pessoas de olhos azuis na pele de uma pessoa negra por um dia. Como é um documentário longo com duração de 1 hora e 56 minutos e legendado, foi necessário fazer uma série de interrupções de nível pedagógico para um encaminhamento mais preciso do tema, onde análise e discussão dos fatos eram apresentados gradativamente.

Na disciplina de Filosofia, o conteúdo foi abordado com a intenção de dialogar e ampliar o conhecimento acerca da construção ideológica que remete a discriminação racial, com encaminhamento de análise pelo professor Alexandre Becker, o qual deu ênfase à visão de Kabengele Munanga. Na disciplina de Inglês a abordagem discorreu sobre a vida e o legado de Martin Luther King Jr. E, na

disciplina de Português, os alunos fizeram a releitura das temáticas percorridas, posteriormente esta atividade foi encerrada com o registro de resenhas. Na disciplina de Biologia o enfoque evidenciou o contexto de racialização, ocorrido no século XIX e a questão da raça humana única. Após a aplicação destes conteúdos e a ampliação dos saberes pela troca interdisciplinar, os alunos puderam estudar na disciplina de Biologia a matéria: “Tema Herança Quantitativa” com foco na herança da cor dos olhos.

Constatou-se que, o ensino da disciplina de Biologia se tornou interessante e conseguiu ressignificar as aprendizagens da turma, principalmente na compreensão da Lei 10639/03. Fatores que culminaram na compreensão da inexistência de diferentes “RAÇAS” como entidades biológicas na espécie humana. E, que o conceito de “RAÇA” é uma construção social, e que sua fundamentação está estritamente ligada às relações de poder. Com isso, os alunos puderam desmistificar as teorias racistas, a partir da possibilidade de desconstrução dos conceitos errôneos e da construção de novos conceitos e dialetos.

## **2.2 Dinâmica: Recriando Olhares**

Para fomentar e encaminhar essa Dinâmica, cujo formato remete a uma espécie de Júri Simulado, conforme proposto no Material Didático Pedagógico de minha autoria, foi reproduzido o documentário: Teste de Racismo - Legendários e uma situação problema que narra à discriminação sofrida pela adolescente Izabel em uma loja.

A dinâmica tem como objetivo analisar e verificar se em ambas as obras ocorreu situações de racismo, de identificar os protagonistas, entre outros aspectos importantes. Foi proposto aos estudantes realizar a divisão da classe em grupos e que pudessem escolher a obra e os personagens de seu interesse, com o intuito de analisar, defender e argumentar suas ideias, conforme encaminhamento metodológico. Essa atividade foi significativa e percebeu-se que os alunos ficaram satisfeitos com os encaminhamentos pedagógicos.

Primeiramente, reuniram-se em grupos e iniciaram as discussões, onde dividiram e delegaram cronogramas, tarefas, entre outras atividades. Nesse momento de intensa pesquisa em relação às Leis existentes, foi necessário

reorganizar e redirecionar os trabalhos que seriam realizados no Laboratório de Informática, uma vez que em 2014 foram roubados os equipamentos. Esse fato contribuiu para renovar a parceria junto ao professor Agnaldo César Lampa da disciplina de Língua Portuguesa, que também tem formação em direito.

Coube ao professor a tarefa de contribuir com o projeto, no sentido de auxiliar os alunos e ceder suas aulas para tempo de pesquisa, leitura e interpretação das leis estudadas. A professora da disciplina de História, Marcia Rosane Maieski Apolinário, também contribuiu na contextualização das necessidades de sancionar determinadas leis de acordo com o momento histórico em que os fatos ocorreram.

Cabe destacar que foram formados três grupos e cada qual com a responsabilidade de responder pelo desempenho de seus componentes no tocante ao processo de aprendizagem:

- grupo A – os alunos se posicionaram em defesa dos seguranças do vídeo produzido pelos legendários e da loja em que foi narrada a situação com a adolescente Isabel.
- grupo B – os alunos se posicionaram em defesa da adolescente Isabel e contra os seguranças envolvidos nas situações apresentadas.
- grupo C – os alunos se posicionaram como mediadores e orientadores da dinâmica, com mediação geral de minha pessoa.

Nesta atividade, se faz necessário destacar o papel do aluno Claudécir dos Santos Rodrigues, que atuou como delegado na função de coordenador geral das atividades, cargo em que demonstrou liderança positiva e total domínio das funções.

Após entrarem em consenso, os alunos escolheram os convidados para compor o Júri, com o cuidado de representar todos os segmentos da comunidade escolar. Sendo assim o Júri foi constituído pela diretora do Colégio Rosângela de Fátima Esser, pelo pedagogo Nelson de Aquino, pelos docentes: Agnaldo César Lampa (Língua portuguesa), Rita de Cassia Schievenin (Inglês), pelo funcionário Elias Brandão - agente I, pela secretária Sandilaine Ceccon dos Santos - agente II e pelo estudante Luiz Henrique de Carvalho Galvão, da turma do 1º ano E - bloco I – Modalidade de Ensino Médio do período noturno.

A segunda etapa do simulado ocorreu após a efetivação do processo de organização das funções de cada equipe e dos componentes da equipe de jurados. Posteriormente, foi direcionada a prática da ação programada. Coube ao grupo A se

posicionar do lado esquerdo da sala, enquanto o grupo B assumiu o lado direito. O grupo C, que tinha a responsabilidade de mediar às ações, se posicionou na frente da sala. Os componentes do júri colocaram-se no fundo da sala. Os mediadores solicitaram previamente um esboço referente à argumentação de cada grupo.

Constatou-se que essa atividade corroborou as aprendizagens e superou todas as expectativas, percepção que foi obtida no momento da apresentação dos grupos e na verificação do Material Didático. As argumentações apresentadas foram bem fundamentadas, fato que demonstra um significativo envolvimento dos alunos no processo de pesquisa. Ainda houve uma interação positiva dos alunos ao explanarem com propriedade suas ideias.

Notou-se ainda, a importância da liderança e do domínio positivo dos grupos, bem como a forma pela qual a equipe de mediadores se posicionou e o processo de explanação de suas teses, fato este que reforçou o sucesso da atividade. Cabe ainda referendar que, a participação de representantes de todos os segmentos no Júri simulado, proporcionou um estímulo maior aos estudantes, pois tiveram a oportunidade de receberem um parecer da dinâmica realizada e do desempenho individual e coletivo, este avaliado e analisado, de forma a revelar os pontos positivos e negativos da tarefa executada.

Na perspectiva de valorizar as ações e os resultados obtidos, no encerramento das atividades foi entregue o *'feedback'* e os agradecimentos aos participantes por demonstrarem através de suas atitudes que o papel da escola consiste em fazer a diferença na vida do estudante e de provocar mudanças na sociedade.

É ressaltada ainda, a importância de participação da equipe convidada, como membros atuantes no processo de mediação das ações que envolvem a diversidade de fazeres presentes no contexto escolar. Dentre os convidados, alguns não puderam participar a Secretária Sandylaine Santos Ceccon e o pedagogo Nelson de Aquino, por motivos administrativos no âmbito escolar. Para compor a mesa de análise das ações, foram selecionadas as seguintes pessoas: o professor Agnaldo César Lampa e o funcionário Elias Brandão, porém o entusiasmo se propagou e todos os componentes do júri contribuíram com pareceres acerca do trabalho executado. O funcionário Elias demonstrou muita emoção e agradecimento pelo

convite, bem como declarou a importância do trabalho realizado, frente às desigualdades raciais em nossa sociedade.

Para finalizar a atividade foi projetada para leitura a “Declaração sobre Raça” da Associação Americana de Antropologia, citado por Penna e Bortolini (2004, p. 02).

“... Dado o nosso conhecimento a respeito da capacidade de seres humanos normais serem bem sucedidos e funcionarem dentro de qualquer cultura, concluímos que as desigualdades atuais entre os chamados grupos raciais não são consequências de sua herança biológica, mas produtos de circunstâncias sociais, históricas e contemporâneas e de conjunturas econômicas, sociais e políticas”. (AAA 1998),

O parecer do encerramento desta atividade foi embasado no conhecimento que antes de ser global é uma tendência que se estabelece fortemente na sociedade. Para tanto, alcançar um contexto democrático nas diferentes esferas envolve um mover da comunidade na qual a sociedade se encontra inserida para participação e se colocar na prática, sem ficar por detrás dos bastidores ou das manifestações sociais. Por sua vez, um alerta no sentido de mostrar que é a necessidade de romper com paradigmas nossa cultura social. E, deixar claro que este pode ser um processo iniciado no interior das salas de aula, onde a aprendizagem é discutida e refletida através de múltiplos olhares.

### **2.3 Grupo de Trabalho em Rede**

Por meio do GTR - Grupo de Trabalho em Rede, que oportunizou a interação à distância entre o professor PDE e professores da rede pública estadual de ensino, o qual foi desenvolvido no período de 08/09/15 a 09/12/2015, foi idealizado na escola o Projeto de Intervenção Pedagógica, o Material Didático e a implementação do projeto na escola, os quais passaram pelo crivo de professores da rede que se inscreveram no curso.

Após consultar o Fórum de Apresentação, foi possível constatar que parte da equipe docente não possuía formação na área de Ciências e Biologia. Esse fato possibilitou que a tutora pudesse ser contemplada a participar do curso, juntamente com uma equipe de docentes que se dedicam a alunos com Deficiência Intelectual e Neuromotora e também com componentes da equipe pedagógica, situação esta que gerou novo desafio, uma vez que o foco disciplinar da temática consiste em abordar

o assunto atrelado ao ensino de Biologia, basicamente no conteúdo de Genética para alunos do Ensino Médio.

O Módulo I - foi desenvolvido no período de 08/09 a 01/10, com recuperação entre os dias 02/10 a 08/10 e procederam as seguintes atividades: 1- Glossário; 2- Fórum: Relação teoria e prática, 3- Diário: Minha contribuição teórica, 4- Fórum: Elaboração de uma discussão teórica e 5- Diário: Autoavaliação.

Na Atividade 1 - O Glossário possibilitou o aprofundamento teórico do cursista uma vez que previa a consulta e a leitura do material disponível para estudo, além de sugerir que o cursista pudesse pesquisar outras referências sobre o tema em questão. Ao se apropriar de novos conhecimentos, para completar a tarefa, o cursista deve seguir com a escolha de um termo que merece destaque para conceituar e compartilhar. Nessa atividade o destaque pelo fato de ser interessante, foi para a ferramenta "comentário", uma vez que é possível interagir e postar comentários ou mesmo complementar os conceitos já registrados pelos participantes. Mas, notei que não houve utilização dessa ferramenta pelos cursistas.

Na atividade 2 - Fórum: Relação teoria e prática, a prática consiste em assistir a narrativa do filme 'Vista a Minha Pele', com a consciência de que a cor da pele é uma categoria fenotípica herdada geneticamente e fundamentada nos artigos do geneticista Sergio Danilo Junho Pena, foi instigado sobre a seguinte questão: - Você acha que a cor da pele pode ser um critério utilizado para selecionar, classificar e discriminar as pessoas? Justifique.

Nesta atividade duas cursistas já conheciam a obra e comentaram que já fizeram um encaminhamento de trabalho junto aos seus alunos. Tiveram como resultado a indicação de outros filmes do gênero, como: "O Xadrez das Cores" e "Historias Cruzadas". Os comentários tomaram rumos como à luta e a discriminação da mulher negra e os diversos tipos de preconceitos. Seguem os relatos identificados como preponderantes à temática:

Relato 1: "... Acredito que a inversão de papéis no filme ressalta a importância de nos colocarmos no lugar do outro, assim conseguiremos entender o que se passa e o que é sentido, e um dia consigamos juntos acabar com toda e qualquer forma de preconceitos.

Relato 2: "... Na verdade, a discriminação se dá em torno "do diferente". Todas as características fenotípicas que "fogem ao padrão" imposto por um grupo

social, são objeto de *bulling*, discriminação e preconceito. Assim funciona com negros, com indígenas, com grávidas, com idosos, com deficientes físicos e mentais, com os gordos, com os magros demais, com os muito baixos, com os muito altos, com os muito brancos, com os religiosos de qualquer credo, com os homossexuais, com os hétero radicais. Enfim... nossa sociedade é discriminatória e preconceituosa. O estudo da diversidade deve colocar em prática o respeito, relacionado à tolerância e à convivência harmoniosa entre "os diferentes".

Relato 3: "... A contextualização histórica de um Brasil afrodescendente, juntamente com o conhecimento científico (genético), deve contribuir para abrir os olhos para a realidade de que somos todos iguais, somos todos seres da mesma espécie, originados a partir de um ancestral comum, mas como ocorre em qualquer espécie, há grande variabilidade de humanos, também. E que, à medida que os genes se (re) combinam, através dos cruzamentos, temos grande miscigenação, e não temos mais nem condições de falarmos em "variedades de humanos", tal o grau de "heterozigose" que temos!".

Relato 4: "...Concordo com você professora e acredito que se faz necessário na instituição escolar debater e refletir sobre as diferenças raciais e a importância de cada um no processo de construção de nosso país, estado e comunidade. A reflexão coletiva de professores, pais e funcionários é necessária para que a escola não seja um espaço excludente, mas integrador, onde as diferenças não sejam apagadas ou solapadas, mas reconhecidas."

## **2. 4 O formato atual do GTR**

O GTR passou por alterações no formato de apresentação das atividades e com data limite para a realização das tarefas. Fato que levou alguns participantes a relatarem suas dificuldades de adaptação ao novo formato do GTR, isso gerou diversas observações positivas e negativas, na avaliação desse módulo. Dentre as pontuações segue algumas:

Relato 1: "... confuso em comparação aos GTRs anteriores, as alterações não foram bem aceitas e consideram que as atividades tem os mesmos objetivos...";

Relato 2: "...tempo insuficiente para consultar com maior rigor o material de estudo, pesquisar e interagir no fórum, devido a carga horária intensa de trabalho...";

Relato 3: "...a ferramenta do diário serve para a organização do trabalho docente”;

Relato 4: "... ponto positivo, é estar utilizando o material disponível para preparar as aulas e para a formação de professores, organizando grupos de estudos junto a equipe multidisciplinar da escola...;

Relato 5: "... Este primeiro módulo foi bastante interessante ao meu ver e me proporcionou reflexões bem aprofundadas sobre a questão racial e étnica, especialmente, neste período que vemos tantos problemas dessa natureza. Entendo, e agora ainda mais, que a educação deve ser global, pois todos precisam ser educados e essa educação deve abranger a educação para o desenvolvimento, para os Direitos Humanos, para a Sustentabilidade, para a Paz e prevenção de conflitos, ou seja, para a Cidadania. Penso que a educação capaz de transpor o limite da exclusão escolar e social, que usa os conhecimentos acumulados pela humanidade e que vai além destes visionando o futuro e preparando seus alunos para o grande desafio da contemporaneidade que é vencer velhas barreiras de injustiças, discriminação, preconceito e, promover maior igualdade, justiça social, compreensão e cooperação entre os povos.”

Relato 6: "... positivas as discussões e experiências abordadas nos fóruns, é muito enriquecedor. Os materiais complementares e os vídeos agregaram muito conhecimento e entendimento ao tema proposto. Em relação aos textos que tratam mais especificamente a área da Biologia, não tive muito domínio. Mas acredito que valeu muito a pena fazer esse GTR em uma área que não trabalho porque estou aprendendo junto a nossa História vista com o olhar da Biologia. Essa temática vem agregar o diálogo e busca relacionar a igualdade de direitos na educação, já que vivemos num "Brasil" de muitas cores e que deve respeito e dignidade a toda pessoa que aqui vive.”

O Módulo II – desenvolvido no período de 09/10 a 03/11, a data de recuperação ocorreu nos dias 04/11 a 09/11, tem como objetivo socializar o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, a Produção Didático Pedagógica (autoria do professor PDE), no sentido de promover momentos de reflexão sobre essas produções.



O conteúdo foi organizado da seguinte forma, com o registro a partir da Atividade 6; Atividade 7; Atividade 8; Atividade 9 e Atividade 10, a qual segue abaixo:

Atividade 6: - Fórum: A relação do projeto de intervenção pedagógica com os desafios identificados pelo professor PDE em sua escola;

Atividade 7: – Fórum: A relação do Projeto de Intervenção Pedagógica com os desafios identificados pelo cursista a partir do seu local de atuação;

Atividade 8: – Diário: Novo olhar para a Produção Didático-pedagógica do professor PDE;

Atividade 9: – Fórum: A Produção Didático-pedagógica e os recursos disponíveis na web;

Atividade 10: – Diário de Autoavaliação.

Dentre os materiais de estudo disponibilizados para leitura, se faz necessário destacar o seguinte texto: “O projeto de intervenção pedagógica e a realidade escolar”, uma vez que busca elucidar a relação do projeto apresentado diante das reais necessidades da escola, bem como relacionar os desafios apontados para superação pedagógica com a proposta de aplicabilidade do projeto em questão. Essa tarefa permitiu que cada cursista pudesse identificar pelo menos um destaque no Projeto de Intervenção Pedagógica e relacionar sua influência sobre processos pedagógicos. Concepção que remete ao pensamento de Nelson Mandela (2003) quando diz: “... A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Ele afirma também:

“... Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta”. (MANDELA, 2003)

O Módulo III - desenvolvido no período de 10/11 a 02/12, com recuperação nas datas de 03/12 a 09/12, tem como objetivo socializar a implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na escola. Foi organizado da seguinte forma: Atividade 11 - Fórum: Mediações Possíveis, Atividade 12 – Fórum: Elaborando um plano de ação, Atividade 13 – Fórum: Síntese, Atividade 14 – Diário de Autoavaliação e avaliação do GTR.

Em função de adversidades presentes no sistema educacional, ao longo do ano de 2015, ocorreram alguns percalços na Implementação do Projeto de

Intervenção. Naquele momento do GTR foi disponibilizado aos participantes um texto que se refere ao Relato da Implementação do professor PDE. Esse texto apresentou-se incompleto uma vez que o fechamento da digitalização do GTR no ambiente virtual e-escola se deram antes da aplicabilidade do Projeto de Intervenção Pedagógica na escola. Portanto, essa fonte de consulta pode ser considerada como inviável, uma vez que não contempla o relato na íntegra da experiência proposta. Cabe ainda destacar que, essa questão foi alvo de críticas por parte dos cursistas, no que se refere a essa etapa do curso.

Constata-se que a capacitação em rede seja algo de extremo desafio para o tutor, mas, ressalta-se que do ponto de vista dos professores participantes (cursistas) esse tipo de capacitação traz benefícios em função da troca de experiências, bem como ao incentivo para dar continuidade ao processo de pesquisa nas mais diversas referências sobre a temática.

Na qualidade de tutora da turma, relato a importância deste grupo de trabalho em rede no que se refere à troca de experiências, uma vez que foram obtidas relevantes discussões e, que estas enriqueceram o trabalho.

### **Considerações Finais**

No encerramento desta pesquisa foram organizadas práticas educativas referentes às Relações Étnico-Raciais na Educação, com enfoque no conteúdo de Genética, abordado na disciplina de Biologia, direcionado a estudantes do 3º ano - Ensino Médio. O Material Didático proposto e o Projeto de Intervenção Pedagógica serviram de instrumentos de viabilização das propostas e foram utilizados como referência nas diferentes atividades do contexto escolar.

Para além das aprendizagens efetivadas, foram aplicados diferentes métodos de trabalho e de conteúdos dinâmicos, tais como: filmografia, dinâmicas de grupo, simulados, etc. Fator que desencadeou uma aprendizagem com ressignificação dos saberes, através de momentos significativos de diálogos e de reflexões contínuas. Isso provocou um movimento no colégio, pois tivemos a participação ativa de alunos e professores, seus familiares e da equipe administrativa.

Além disso, foram construídas estratégias e instrumentos para ações pedagógicas, as quais permearam um processo de reeducação no sentido de ruptura de paradigmas e concepções presentes no currículo tido como eurocêntrico.

Evidencia-se que, o trabalho com as Relações Étnico-Raciais na Educação, foi conquistado na prática pedagógica e consolidada de forma significativa uma educação inclusiva e libertadora. No decorrer da implementação deste trabalho é nítido a questão do crescimento dos alunos no sentido de ampliação das aprendizagens: em interpretação, na argumentação e em mudanças atitudinais por parte de muitos estudantes.

No entanto, é importante ressaltar que os dados coletados por meio de questionários e observação das atitudes, antes, durante e depois da aplicabilidade do projeto, devem ser analisados com certa cautela. Uma vez que não se pode usar quantidades ou gráficos, para mensurar mudanças atitudinais e de comportamento. Contudo, as mudanças que ocorrem no íntimo das pessoas são passíveis de verificação através da observação, da convivência e das relações harmônicas dentro e fora da escola.

Ideias errôneas podem ser reconhecidas como modelos de eficácia para manter e reproduzir ainda mais as ideologias dominantes. O ensino de Biologia embasado em conhecimentos científicos atualizados vem a ser uma ferramenta imprescindível para fomentar e tratar de forma racional a compreensão das diferenças observadas referentes à cor da pele na espécie humana.

No viés que concebe o ponto de vista biológico e estritamente científico, verifica-se que 'raças humanas não existem', mas sabemos que cada brasileiro independente de sua cor, tem simultaneamente um grau significativo de ancestralidade africana, europeia e ameríndia. Constata-se no Brasil uma variedade de genomas, tidos como um mosaico que remete a formação racial da sociedade.

A institucionalização da Lei 10.639/03 oferece a chance de desconstruir a visão de que uma pessoa é superior à outra por possuir determinada característica fenotípica. Trata de mostrar que a cor da pele não deve ser um fator desagregador, nem classificatório e sim uma proteção natural em que o fenótipo expresso é determinado pelo genótipo e a interação com o ambiente.

Em busca de soluções e de forma assertiva renovamos nosso olhar sobre as temáticas relacionadas à Lei 10.639/03, tornando relevantes as contribuições dos

africanos e afro-brasileiros na construção nacional do nosso país. Contudo, verifica-se que para a institucionalização das Leis e sua efetivação no âmbito escolar, é preciso um esforço conjunto, ao elaborar planos de ações que contemplem práticas pedagógicas de valorização da história e da cultura desse grupo étnico racial.

É fato a necessidade de reorganização do processo de Formação Continuada, direcionado aos Educadores/as da Rede Estadual de Ensino. Essa nova proposta formativa deve partir da SEED e, preferencialmente ocorrer na Semana Pedagógica prevista em Calendário Letivo, de forma a atingir toda a comunidade escolar. Para isso, faz-se necessário de contratação de profissionais capacitados para esse momento formativo.

Convém também proporcionar momentos de formação respeitando a carga horária de trabalho semanal do/a professor/a, específicos dentre as áreas do conhecimento, que contemplem orientação de como inserir as temáticas relacionadas à Lei 10.639/03, no Plano de Trabalho Docente, de forma que estejam atrelados aos componentes curriculares das áreas do conhecimento.

## Referências

AQUINO, G. Júlio (Org.) et al. **Diferenças e Preconceito na Escola**, Alternativas Teóricas e Práticas. 6ª edição, São Paulo: Editora Summus, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, D.F. Outubro 2004.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da educação continuada, **Alfabetização e Diversidade**. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, D.F. Outubro 2004.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JÚNIOR, S. Hédio, BENTO, A. da S. Maria, SILVA, R. Rogério (org.) et al. **Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial**. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT. 1ª Edição, São Paulo.

LADOWSKY, Eric. **Presenças do Outro**. Ensaios de sociosemiótica. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm)>. Acessado em 25/07/2014.

LOPES, Nei. **História e Cultura Africana e Afro-brasileira.** São Paulo: Balsa Planeta, 2008.

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. Ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MANDELA, N. Lighting your way to a better future. Planetarium. University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa. 16th July 2003. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MjM3NjU1/>>. Acesso em: janeiro. 2016

\_\_\_\_\_. Metodologia da Pesquisa-ação. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD). Orientações e Ações para a educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho Interministerial. **Contribuições para a Implementação da Lei 10639/2003: Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10639/2003.** Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/contribuicoes.pdf>. Acessado em 25/07/2014.

MUNANGA, Kabengele (org.) et al. **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, Edições: MEC/BID/UNESCO.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p.15-34, 2004.

PENA, D. J. Sérgio, Birchal S. Telma. Artigo: **A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social?** Revista USP, São Paulo, nº 68, p.10-21, dezembro/fevereiro 2005/2006.

PENA, S. D. J.: **Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira.** História, Ciência, Saúde. Manguinhos v.12, n.1, p.321-46, maio-ago.2005.

PENA, S. D. J. et al.2000: Retrato molecular do Brasil. Ciência Hoje, vol. 27, n.159, p.16-25.

PENA, Sérgio D.J.; BORTOLINI, Maria Cátira Bortolini. (2004) **Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações**

**afirmativas?** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100004&script=sci_arttext)>.. Acesso em: janeiro. 2016

SANSONE, Osmundo Araújo Pinho (organizadores) et al. **Raça: novas perspectivas antropológicas**, 2ª ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.447p.

Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade. **Balanco da ação do MEC para a implementação da Lei 10639/03**, Brasília, 2008. Brasília: MEC/Secad, 2008.

Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Diretrizes Curriculares da Educação Básica, Biologia. 2008.

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SEPPIR. \_\_\_\_\_.

**SILVIA REGINA SANTOS DOS ANJOS**

[silreg@seed.pr.gov.br](mailto:silreg@seed.pr.gov.br)

**Professora PDE – Área de Biologia**